

JOÃO FRANCISCO NEVES

CASAL OU A PRO/CURA DA IN/COMPLETUDE

GRÎPHOS – PSICANÁLISE
PUBLICAÇÃO DO INSTITUTO DE ESTUDOS
PSICANALÍTICOS (IEPSI). 1990 N°8

Setembro de 1990

CASAL OU A PRO/CURA DA IN/COMPLETUDE

João Francisco Neves¹

PALAVRAS-CHAVE: casal; Teoria psicanalítica **KEYWORDS:** Marital; Psychoanalytic theory

O autor se propõe, com apoio no referencial teórico da Psicanálise, examinar algumas das vicissitudes que o casal vive na sua dinâmica interna. Partindo de sua origem e constituição, são enfocados, tendo como espelho a relação mãe-lactente, alguns dos seus impasses e vivências na pro/cura da in/completude. No final, a importância da escuta unívoca do casal, tanto teórica quanto clínica, é considerada.

The author proposes himself, having as a support the psychoanalytical theoretic reference, to examine some of the vicissitudes a couple goes through in its inner dynamics. Starting from its origin and constitution and, having the mother-suckling relationship as a mirror, some of its impasses and experiences are focused, in its seek out for incompletelessness. At the end the importance of a sole listening of the couple is taking into consideration.

Nota prévia

Creio que é lícito dar livre curso às nossas hipóteses sempre que conservemos uma perfeita imparcialidade de juízo e não tomemos nosso débil andaime por um edifício de absoluta solidez.

Sigmund Freud

Já que os conselhos são feitos para que ninguém os siga, creio que é útil aclarar-lhes que, desde então, não temos deixado de tomar o débil andaime por edifício de absoluta solidez.

Jacques Lacan

Nunca estamos tão desprotegidos perante o sofrimento senão quando amamos, nunca tão irremediavelmente infelizes quando perdemos a pessoa amada ou o seu amor.

Sigmund Freud

¹ Membro do Instituto de Estudos Psicanalíticos (IEPSI).

O relacionamento homem-mulher, no nível de casal, antes de se tornar objeto de estudo psicanalítico, foi muito bem dissecado pelos artistas: poetas, romancistas, compositores, escultores, descreveram, cantaram ou esculpiram, das mais variadas formas, as vicissitudes de tal relacionamento. Dramas, tragédias, comédias, aproximações, afastamentos, nascimentos, mortes, amor, ódio, alegrias, tristezas, aceitação, rejeição, luta, cooperação, ilusões e desilusões marcaram, marcam e certamente acompanharão a história do encontro homem-mulher até o final dos tempos... Essa “multidão de dois”, tendo como berço a paixão², na realidade constitui um desafio para qualquer pesquisador, pois não passa de um elogio da in/certeza...

A relação da díade pode ser interpretada a partir de diferentes enfoques teóricos, mas num ponto todos estão de acordo: trata-se de um microcosmo que opera como um sistema estruturado, autorregulado, homeostático, fundado na interação de desejos e necessidades de cada um dos parceiros e numa intensa e ambivalente catexia mútua.

Quanto às dificuldades de uma abordagem analítica, que é objeto do meu trabalho, elas começam com a própria ambiguidade do termo.

CASAL (Do lat. Vulg. casale) S.m.

1. *Pequeno povoado; lugarejo de poucas casas.*

2. *Pequena propriedade rústica; granja: “Tão rota, tão triste, até os cães me ladrariam da porta do casal” (Eça de Queiroz, Contos, p. 358).*

3. *Par composto de macho e fêmea, ou homem e mulher.*

4. *P ext. Par, parilha.*

5. *Urdidor (3). Adj. (f) - V. charada. CHARADA (...) charada casal. A que é formada por duas parciais cujas soluções terminam em a e o; charada biforme, charada bifronte, charada alexandrina. Ex. caso – caso.*

Destacar *homem-mulher* e *charada bifronte* **que** permitem uma primeira aproximação daquilo que, no presente texto, se deve entender por casal. Ou seja, um par constituído por pessoas de sexo diferente, condicionado, ou não, por mecanismos institucionalizantes de natureza social ou religiosa: casamento, coabitação sem necessariamente a realização do ato marital, relacionamentos afetivos sem promessa formal de casamento, namoro... enfim, formas de relacionamento de natureza heretossexual, estando ou não implícito o ato sexual como uma das formas de aproximação.

² O Termo paixão parece sintetizar uma combinação de significados. Origina-se do latim *passio* – do grego *pathos*, que significa “sofrer” ou “padecer”. Assim, ao lado do sentido original de “martírio” e “sofrimento”, emergem os novos significados de “amor forte”, “afeição”, “ira”, “ódio” e “intenso desejo sexual”.

A minha reflexão propõe eliminar, na medida do im/possível, qualquer condicionamento de ordem sociocultural que a abordagem do casal pode conduzir, sem negar, contudo, que este, tanto interna quanto externamente, sofre pressões psicossociais, que constantemente colocam em jogo o seu equilíbrio. Ao contrário do que se possa pensar, essas pressões constituem um elemento des/estabilizador da díade.

Uma vez circunscrito o que entendo por casal, passo a tecer algumas considerações sobre os objetivos deste trabalho. O próprio título não poderia ser mais explícito: minha proposta é examinar as vicissitudes que operam no seio do casal humano e a extensão delas na pro/curada in/completude. O casal é a imagem viva da in/completude. Nomear e discutir certos aspectos de sua trajetória é o meu principal objetivo. Pretendo assim rastrear o que se passa no interior do casal, expressão máxima e singular de uma psique habitada por dois corpos. Longe de conceber tratar o tema de forma intensiva, a minha intenção é apenas tentar uma introdução aos diversos momentos que o casal vive desde o seu nascimento até a plenitude, a meio caminho entre o normal e o patológico. Não é meu objetivo estudar a psicopatologia do casal, mas suas vicissitudes. Sem esquecer, ainda, que falo especialmente do casal ocidental. Estas são algumas indicações, notas introdutórias que, no futuro, pretendo retomar.

Minha contribuição se assenta sobre cinco pontos:

- 1º) A escuta analítica do casal: sua origem, crescimento, transformações, estabilização e, em alguns casos, sua morte.
- 2º) A escuta analítica individual do sujeito: as vivências de nascimento do casal, suas vicissitudes ou morte, acompanhadas através da óptica de um dos parceiros.
- 3º) A escuta das famílias em análise: de onde, progressivamente, o casal emergiu como a origem e constituição da saúde e da patologia familiar.
- 4º) Minhas articulações e reflexões pessoais dos re/encontros com “as psicanálises”.
- 5º) Final/primeira/mente, o meu desejo: delimitar um campo, enunciar uma teoria (uma metapsicologia do amor?) e estabelecer uma práxis clínica para a escuta do casal.

A literatura analítica sobre o casal é escassa e quase sempre unilateral. Em grande parte, os analistas, quando tratam do assunto, fazem-no a partir da óptica de um dos seus componentes. A exceção corre por conta, sobretudo, dos trabalhos de Lemaire^{7,8}, Eiguer^{1,2,3,4}, Ruffiot^{15,16} e algumas incursões feitas por mim próprio^{9, 10,11,12,13,14}.

Todos esses autores têm pautado seus estudos pela psicanálise, desenvolvendo suas pesquisas em duas direções: de um lado, como neste texto, para novas reflexões e articulações teóricas; de outro, para uma práxis cada vez mais rica que, para mim, deve obedecer aos seguintes parâmetros:

1. a instalação de um enquadramento estável e regular no momento em gura o bom desenvolvimento do tratamento;
2. a utilização de interpretações dinâmicas do grupo/casal permite a tomada de consciência e a circulação das fantasias e leva a uma autonomização dos psiquismos individuais. Os parâmetros das interpretações devem ser detalhados: os motivos, seu *timing*, seu objeto, seu alvo e sua formulação;
3. a interpretação deve se fazer na transferência, o que permite um movimento de atualização estrutural;
4. o trabalho analítico deve focar a resistência, que leva à perlaboração;
5. a abstenção de assumir um papel ativo que proponha, mediante conselhos, indicações ou orientação para a vida de casal, limitando-se o analista unicamente à tarefa de tornar consciente os conteúdos inconscientes das relações do casal; e, finalmente;
6. o respeito estrito ao enquadramento, ao tempo de duração de cada sessão, ao espaço onde esta ocorre, à pontualidade e observância dos horários estabelecidos e dos honorários fixados, evitando-se, tanto quanto possível, qualquer tipo de relacionamento social fora do consultório.¹⁴

Toda essa conduta facilita uma regular e desejável articulação entre os *fundamentos teóricos* da análise de casal e uma *teoria da clínica* unívoca. Diria que ambas se encontram em *status nascendi*.

Quanto a Freud, ele não teoriza sobre o casal. Existe apenas um texto de 1912, intitulado “A Disposição à Neurose Obsessiva – uma contribuição ao problema da escolha da neurose”⁶, em que ele, numa pequena passagem, faz referência explícita ao casal como uma entidade psicológica. Por outro lado, sua metodologia e suas observações na escuta de um só dos parceiros amorosos oferecem achados suficientemente significativos, que permitem uma teoria definida sobre o casal. Rastreado o enfoque freudiano, é possível pensar o indivíduo para além de sua singularidade, que, tratando-se do casal, continua sendo uma singularidade, porém de dois...

À moda dos poetas, assim o psicanalista Alberto Eiguer² introduz o tema do casal:

Nós podemos imaginar a fábula mitológica seguinte:

Um dia o homem primitivo se apercebeu de alguma coisa de que ele não havia suspeitado, sem dificuldades, as consequências. Ele descobriu que era diferente fazer amor ao abrigo do olhar dos outros ou em sua presença. O prazer que ele e sua companheira tiraram de seus folguedos lhes pareceu infinitamente maior porque eles se escondiam. Com o tempo, eles tomaram o hábito disso, o que suscitou diversos comentários dos outros. Estes comentários, ao contrário, os encorajaram a continuar esta prática em segredo: dir-se-ia

mesmo que o gosto do sexo estava assim aumentado: “é mais divertido, mais interessante atizar a curiosidade dos outros, sem, entretanto, satisfazê-la...” Com o tempo esta curiosidade diminuiu porque a prática discreta do amor foi adotada pelo grupo. O ser primitivo descobriu assim a parte do prazer que dá o pudor. Pouco a pouco, ele conheceu o sentido da intimidade a dois e vive todas as vantagens que ele podia tirar disso. Assim por um mesmo gesto, a genitalidade pôde emergir de novo, se reiluminando por uma nova aquisição: o campo do partilhável e ao mesmo tempo do não-partilhável. O ser primitivo já sabia que se trata sempre de partilhar seu parceiro: antes do início da relação, ele (ou ela) já amou algum outro, seu parente (pai ou mãe)? O ser primitivo compreendeu que ele deveria se resignar a ser o segundo ou o terceiro, nunca “o primeiro”. Então lhe pareceu que ele tinha, ao menos durante o ato secreto e íntimo com sua companheira, a vantagem de ser a dois. A novidade que havia instaurado a privacidade do ato sexual teve consequências ilimitadas sobre o espírito humano. O pudor, sentimento em negativo já que ele implica constrangimento, soube se tomar o abonador do casal. O próprio pudor tomou uma outra importância. (...)

Essa *fábula mitológica* moderna traz, entre outras, uma fantasia que indica um dos elementos fundantes do casal: este se constitui quando descobre “que era diferente fazer amor ao abrigo do olhar dos outros ou em sua presença”. Na realidade, o casal passa a existir no momento em que se separa do grande grupo e adquire uma relativa independência. É possível que aí esteja expresso, de forma metafórica, o aparecimento da família nuclear, tal como se conhece hoje.

A *fábula* permite, também, entre outras, uma interpretação que, embora sumária, resume muito bem a história clínica do casal: de um estado de fusão com o outro (sexo à vista de todos: fusão com a mãe?), quando todos partilham de tudo, passa a uma relativa discriminação, sob a égide da genitalidade. Dessa forma, o amor genital, que supõe incorporação, domínio, fusão com o ódio, satisfações pré-genitais, fecha novamente o ciclo.

Uma abordagem do casal remete imediatamente ao tema de sua *origem e constituição*. Num primeiro momento, poder-se-ia, apressadamente, concluir que o casal tem sua origem no instante em que um homem e uma mulher se encontram pela primeira vez. Trata-se de uma concepção ingênua de sua realidade psíquica interna. Seria o mesmo que acreditar, como faziam os pré-freudianos, que a vida sexual tinha sua origem na vida adulta. As concepções analíticas a partir de Freud provaram e comprovaram que o bebê já apresenta, na sua psique e no seu comportamento, indícios de uma vivência sexual intensa.

Na verdade, a *origem do casal*, numa tentativa de estabelecer um ponto identificável, remete a, pelo menos, três gerações anteriores, isto é, aos pais, avós e, em muitos casos, aos bisavós. Nessa

linha de antepassados, identificam-se alguns aspectos da tessitura daquilo que se pode considerar como a *constituição do casal*. São histórias, estórias, acontecimentos, lendas, mitos, uma verdadeira legenda responsável por aquilo que irá constituir a estrutura da fantasia in/consciente compartilhada do casal. Os antepassados – pais, avós e bisavós – do futuro casal são depositários, por sua vez, dos sonhos e fantasias dos familiares que os antecederam. O casal irá, como num processo de compreensão dinâmica, metabolizar toda uma gama de sentimentos, sensações, sonhos, fantasias, devaneios, enfim, traços mnêmicos que passam de geração a geração através dos não/mal/ bem ditos.

Conhecida a *origem* e a *constituição* do casal é possível estabelecer alguns pontos a propósito de sua in/completude, objeto principal deste trabalho:

- 1º) O casal repete o sujeito – de uma imaturidade básica a uma maturidade relativa.
- 2º) O casal leva *uma tríplice existência*: 1. é depositário das vivências afetivas dos seus antecedentes; 2. a partir do seu nascimento, no cotidiano, renova-se, transforma-se, recria-se, metaboliza-se; finalmente, 3. é portador de vivência afetivas – quem sabe imortais? – que detém por algum tempo, mas que, gradativamente, passa aos seus descendentes.
- 3º) O casal é a expressão viva da falta do sujeito; valeria até dizer: quanto maior o sentimento de incompletude, maior o envolvimento in/tenso com o outro.

DA IMATURIDADE BÁSICA A UMA MATURIDADE RELATIVA DA PRO/CURA DA IN/COMPLETUDE

Um olhar sobre o nascimento do casal denuncia, de imediato, um ponto em comum com o nascimento da criança – a imaturidade expressa sobretudo pelo investimento narcísico mútuo. No primeiro caso, o investimento narcísico mãe-filho. Esse narcisismo primário está sempre presente em todo relacionamento humano em busca do semelhante. Ele tende sempre à união, apagando os limites entre os indivíduos...

A escuta ou mesmo a observação dos casais, mais claramente dos apaixonados, dá bem a dimensão das minhas hipóteses. Trata-se de um verdadeiro mergulho de cabeça... Tal como na relação mãe-filho, no início da vida, não há *oposição* – como numa força centrípeta, ambos, homem e mulher, convergem para o mesmo ponto; não há *discriminação* – ficam reduzidas quaisquer possibilidades de discernir o eu do *não-eu*, chegando-se ao extremo de um falar pelo outro de forma quase absoluta; não há *contradição* – os casais não se opõem, não convivem com as eventuais objeções, desacordos, pugnas, e se existem, são deslocados para o exterior: oposição entre o casal e o resto do mundo; não há *limitação* – os casais apaixonados vivem um mundo próprio e extensivo,

não havendo uma linha de demarcação clara entre um e outro; não há, portanto, balizas, divisas ou fronteiras, ocorrendo, em alguns casos, a sensação de se tratar de *uma só psique* e de *um só corpo*...

Continuando esse paralelo entre o relacionamento mãe-filho e homem-mulher, o desaparecimento dos limites possibilita o transbordamento do espaço individual. Essa espécie de núcleo comum, compartilhado, nasce/renasce nesses dois momentos dos mais singulares entre outros relacionamentos humanos conhecidos. O núcleo aglutinado existe desde o início da vida da criança com a mãe e da relação homem-mulher. Tal núcleo não comporta nem ambiguidade nem dissociação: as clivagens entre os objetos parciais *bons* e *maus* ainda não existem. O caráter singular desse núcleo é a *ambiguidade*: como se viu no parágrafo anterior, não existe *oposição*, nem *discriminação*, nem *contradição*, nem *limitação*. Essa *ambiguidade* se tornará *divalência* na *posição esquizoparanoide*, depois, *ambivalência* na *posição depressiva*, que antecede a *fase genital precoce*.

Nesse processo de acompanhar *pari passu* a origem e evolução do relacionamento *homem-mulher* a partir do relacionamento *mãe-filho*, fica uma interrogação. É possível aprofundar esse paralelo seguindo as pesquisas apontadas? Ou seja, é possível encontrar mais algumas semelhanças entre a origem e desenvolvimento da relação mãe-filho e a relação amorosa? Eu penso que sim...

O casal, como a criança, surge a partir de um núcleo psicótico, sempre tendendo à simbiose que todo sujeito leva dentro de si por toda a vida. Há dois momentos, portanto, em que esse núcleo se torna evidente:

- nos primeiros tempos de vida
- por ocasião do enlace amoroso.

Não existe outra situação que consiga sequer se aproximar dessas duas. Talvez se possa pensar na situação analítica. Esse fenômeno, porém, ocorre *in extremis* na abstinência e, portanto, sem qualquer contato físico. O privilégio de ser a vivência mais arcaica vivida por qualquer ser humano fica com as duas situações citadas. Nesses momentos, corpo-psique e psique-corpo se fundem como uma massa indiferenciada, densa, de contornos pouco definidos.

No caso da mãe e do bebê, são as partes ambíguas de ambos que possibilitam o encontro-fusão, apesar de toda a assimetria sempre presente. Assim, é a mãe que possibilita a instalação dos processos de *discriminação*, *contradição* e *limitação*. No caso da relação homem-mulher, é também a ambiguidade que possibilita o encontro-fusão. Aí, ao contrário, a relação é simétrica. Se ambos estão mergulhados nessa espécie de massa afetiva, cujos limites são praticamente inexistentes, o que vai permitir o processo de *discriminação*, *contradição* e *limitação* do casal? O fato de ambos terem introjetado os seus respectivos pais e avós, com todos os seus aspectos próprios do processo secundário, ou seja, o princípio de realidade.

A saída dessa ambiguidade é marco de evolução, tanto da *relação mãe-filho* como da *relação homem-mulher*. Em ambas as situações, verifica-se uma cisão: o objeto amoroso ou é totalmente bom ou totalmente mau. A criança vive intensamente essas situações. Ela ora acha que suas necessidades são totalmente gratificadas e, portanto, vive um prazer sem limites, ora se sente perseguida e ameaçada de aniquilamento total. Quanto ao casal, essa vivência esquizoparanoide pode ter consequências bastante significativas: ora o objeto amoroso é um(a) príncipe (princesa), ora é um(a) bruxo(a) que se tem de afastar ou temer. Se esses sentimentos aparecem no início da vida a dois, o outro pode ser visto como totalmente mau e o relacionamento terminar. No caso de o objeto ser visto como totalmente bom, pode ocorrer uma espécie de congelamento das relações, ficando o par sujeito a uma simbiose patológica e correndo, também, o risco de um despedaçamento no futuro, quando a idealização for desfeita. O impasse só pode ser vencido se a criança ou o casal der o passo seguinte. Isto é, ascender à posição depressiva.

No caso da *relação mãe-filho*, a entrada do terceiro, representada sobretudo pelo pai, irá possibilitar o aparecimento de um processo mais maduro de apreender a realidade, ou seja, a entrada no mundo da cultura, da simbolização. Nas *relações homem-mulher*, o terceiro é figurado pela vivência da castração de ambos. A ilusão de uma união beatífica, nos dois casos, é substituída pela perda e pelo luto. Chega-se assim à posição depressiva antes já prenunciada. O *mesmo outro* é percebido, ao mesmo tempo, bom e mau.

A criança descobre, então, que a pessoa que a gratifica e protege, é a mesma que a frustra e rejeita. Trata-se de um sentimento penoso, cheio de ambivalência e dor. É preciso lembrar-se, a propósito, que a posição esquizoparanoide e depressiva não são fases. Isso significa que estão sempre presentes por toda a vida...

O casal também passa de uma posição esquizoparanoide a uma posição depressiva: de uma vivência de amor e ódio totais a um sentimento de profunda dor, em que o mesmo objeto é ao mesmo tempo amado e odiado. É no que eu chamo de posição depressiva que o casal vive o seu primeiro momento verdadeiramente criativo. Enquanto, na posição esquizoparanoide, ele se digladiava numa luta suicida, psicótica, na posição depressiva, o casal se descobre, pela primeira vez, incompleto... A vivência da falta por parte do casal introduz a realidade no seu relacionamento. A constatação pura e simples de que nem o homem nem a mulher são seres absolutos ou perfeitos e de que não chegarão a sê-lo um dia não é feita sem dor e um profundo sentimento de perda. A vivência da perda vem ainda acompanhada de um sentimento visceral de incompletude: ambos sentem que não dão nem recebem o que desejam... A vivência da incompletude só é possível se os dois passaram antes, em suas respectivas histórias pessoais, por vivências de castração. A vivência mútua da castração fantasmática possibilita que cada um veja a si mesmo e ao outro na sua verdadeira dimensão: como diante de um espelho, um e outro passam a se aceitar com menor

exigência e com muito maior tolerância. A organização fantasmática mútua da castração assegura, ainda, ao casal maior estabilidade: impede transgressões que possam se transformar em danos físicos e mentais, permite que cada um veja, em si mesmo e no outro, defeitos e limitações, sem, contudo, deslizar para retaliações. A solidariedade aparece, as relações se tornam menos egocêntricas e a onipotência diminui. É possível que esse processo de desilusão-re/construção-ilusão(?) – todo ele tendo como base a castração – dure toda a vida do casal, num vir-a-ser perpétuo... Poder-se-ia acrescentar que, nesse caso, se ama o outro pelo que ele é e pelo que ele simboliza.

Simultaneamente, o retorno à vivência edípica determina um outro fenômeno: o da *denegação do fantasma da castração*, possibilitando que um e outro – o casal – restabeleçam o mesmo vínculo com o objeto mãe/pai da infância. Como num jogo oscilatório, o fantasma da *castração* pode ser, então, temporariamente afastado; um sentimento de completude reaparece, possibilitando um reencontro com a bissexualidade fantasmática. Com a denegação da castração, emerge o verdadeiro responsável pelo vínculo amoroso: a sedução.

Como se pode observar, o casal vivencia, num primeiro momento, aspectos mais progressivos entre os fantasmas de sedução e de castração; num segundo momento, desenvolve aspectos mais regressivos entre os fantasmas de *elação intrauterina* e da *cena primária*. Poder-se-ia, então, formular a seguinte hipótese: enquanto os fantasmas de *elação intrauterina*, *cena primária* e *sedução* seriam os responsáveis pelas tendências ao (falso?) sentimento de completude (?), o fantasma de castração denunciaria a dolorosa vivência da incompletude (?). (confirmar elação intrauterina – *elação* significa arrogância, altivez, ou sublimidade, elevação)

Assim, as protofantasias – vida *intrauterina*, *cena primária*, *sedução* e *castração* –, no âmbito do casal, se articulam numa complexidade de/crescente. O fantasma da *cena primária* proporciona um modelo privilegiado, a partir do qual se ordenam as demais categorias de fantasmas originários.

Dessa forma, enquanto o *fantasma de sedução* mostra a natureza sexual do vínculo do casal, o *fantasma de castração* coloca em cena a ruptura do vínculo. Por exemplo, é mediante a *representação da castração* no decorrer do coito que se proporciona uma resposta prévia da diferença de sexos e, portanto, da incompletude. Quanto ao *fantasma intrauterino*, são modalidades mais arcaicas da *cena primitiva*, colocadas no espaço interno, que asseguram ao casal (como às crianças) um lugar onde ele não se sinta excluído da vivência de completude.

O espaço do casal – espaço transacional de Winnicott – é o lugar da realização dos desejos e da defesa contra a angústia. O casal é, na realidade, o negativo do grupo.

Numa espécie de jogo pendular, o casal oscila: de um lado, experimenta uma vivência (procura) de completude nos momentos mais regressivos (?) (Cena primária, *elação* intrauterina,

sedução, engajamento amoroso), completude⁷ que, pela fusão, leva ao não-ser – numa tentativa de se completar (?) no outro (dois em um) – desaparecimento, perda de identidade, morte; de outro, como num movimento progressivo (?) para o ser, vive a individuação (?) (castração), ilusão de completude – eu sou eu –, seguida da sensação de falta, solidão, incompletude, que, novamente, leva a uma busca de união com o outro (elação intrauterina, cena primária, sedução...), completude (?)... de novo fusão, mergulho num vir-a-não-ser perene...

Para (não) concluir, enfatizo que:

1º) uma *escuta refletida* da(s) psicanálise(s) permite a elaboração de uma espécie de metapsicologia do amor, através do olhar da des/estruturação do universo onde se move o casal, na pro/cura da in/completude;

2º) a escuta do casal, dentro de um enquadramento unívoco, leva a uma segunda possibilidade de re/conhecê-lo, na sua e/terna pro/cura da in/completude...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFIAS

1. EIGUER, Alberto. “Metodologia de la interpretación en psicoterapia familiar de orientación psicoanalítica”. In: *Terapia Familiar*, 5: 18, Trad. Stella Maris Molina. Agosto, 1980.
2. EIGUER, Alberto. Le lien d’Alliance, la psychanalyse et la thérapie de couple. In: *La thérapie psychanalytique du couple*. Paris: Dunod, 1984, p.I-83.
3. EIGUER, Alberto. *Um divã para a família*. Trad. Leda Mariza Vieira Fischer. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
4. EIGUER, Alberto & EIGUER, Diana Litovsky de. Contribution psychanalytique à la théorie et à la pratique de la psychothérapie familiale, In: *La thérapie familiale psychanalytique*. Paris: Dunod, 1981, p, 99-148.
5. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
6. FREUD, Sigmund (1911-13). A disposição à neurose obsessiva – uma contribuição ao problema da escolha da neurose. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de*. Rio de Janeiro: Imago, 1987, v. 12, p. 402.
7. LEMAIRE, J. *Le couple, sa vie, sa mort*. Paris: Payot, 1979.
8. LEMAIRE, J. Introductions aux thérapies familiales. *Dialogue*. Paris, n. 66, p. 3-28, 1980.
9. NEVES, João Francisco. Fundamentos da psicoterapia familiar conjunta. *Boletim do IEPSI*. Belo Horizonte, 2 (2): 20:42, 1980.
10. NEVES, João Francisco. Elementos para uma psicoterapia familiar de base analítica. Da criança à família. *Grêphos – psicanálise*, Belo Horizonte 4: 9-32, 1983. (Antigo Boletim do IEPSI)
11. NEVES, João Francisco. Psicoterapia familiar psicanalítica – nota prévia. *Grêphos – psicanálise*, Belo Horizonte, 5: 18-39, nov. 1987. (Antigo Boletim do IEPSI).
12. NEVES, João Francisco. Casal e família: o olhar do psicanalista. *Grêphos – psicanálise*, Belo Horizonte, 6: 40-58,1988. (Antigo Boletim do IEPSI).
13. NEVES, João Francisco. A escuta psicanalítica da família: implicações e articulações. *Grêphos-psicanálise*, Belo Horizonte, 7: 77-103, 1989. (Antigo Boletim do IEPSI).
14. RUFFIOT, André. Le couple et l’amour. De l’originare au groupal. In: *La théorie psychanalytique du couple*. Paris: Dunod, 1984, p.85-145.
15. RUFFIOT, André. Le groupe-familial en analyse. L’appareil psychique familial. In: *La thérapie familiale psychanalytique*. Paris: Dunod, 1981, p. 1-98.